

FOUCAULT E SARTRE: HISTÓRIA E RELAÇÕES DE PODER

Maria Vera Lúcia Pessoa Porto¹
Telmir de Souza Soares²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar como, nos percursos da história efetiva, em Foucault e em Sartre especificamente, as relações de poder se constituem. Para tanto, iniciamos desenvolvendo algumas considerações sobre Sartre e a Filosofia existencialista para, em seguida, contextualizar, em relação ao pensamento de Sartre, as inquietações de Foucault em meio ao seu tempo, esclarecendo que, em Michel Foucault, percebemos um alerta para a necessidade de nos determos no presente. Nesse sentido, afirma o filósofo em *Ditos e escritos VII*, que: "Diagnosticar o presente, dizer o que é o presente, em que nosso presente difere de modo absoluto de tudo o que não é ele, ou seja, de nosso passado. Talvez seja isso, talvez essa a tarefa atribuída nos dias de hoje ao filósofo. É a tarefa da filosofia". Assim, pretendemos vislumbrar, em meio a esses dois pensadores que se debruçaram sobre o mundo contemporâneo e sobre as forças que o movem, os pontos de aproximação e de fuga em se tratando das perspectivas possíveis para esse ser histórico que é o homem. Se, para Sartre, o homem se constitui em meio à construção do seu entorno, face à produção dos sentidos e dos valores, para Foucault, ele se constitui buscando compreender as relações de poder. Em nosso trabalho serão utilizadas, como fundamentação para a pesquisa, além da obra *O existencialismo é um humanismo* de Sartre, os *Ditos e Escritos VI e VII* de Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre. Foucault. Relações de poder.

1 INTRODUÇÃO

A história da filosofia nos apresenta o existencialismo como um movimento que teve como precursor o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, o qual compreendia que o principal papel moral que o indivíduo assume em sua existência consiste em escolher, muito embora o aspecto crucial e excruciante dessa escolha esteja interligada ao tônus afetivo da angústia: "[...] a angústia está ligada em Kierkegaard, à ideia de escolha. Há possibilidades de

¹ Doutorado em Filosofia Prática do Programa Interinstitucional da UFPB - UFRN - UFPE, com Estágio Doutoral na Université Catholique de Louvain (UCL - LLN), Mestrado Acadêmico em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2000), Licenciada e Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: veraluciaporto@uern.br

² Doutorado em Filosofia Prática do Programa Interinstitucional da UFPB - UFRN - UFPE, com Estágio Doutoral na Université Catholique de Louvain (UCL - LLN), Mestrado Acadêmico em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2003), Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: telmir@gmail.com

mal em nós. Há possíveis tentadores. Daí, um primeiro motivo de angústia” (WAHL, 1962, p. 91).

Kierkegaard, ao destacar o papel decisivo do indivíduo nos rumos da sua própria existência e das relações com seu entorno, realiza uma crítica ao pensamento de Hegel que entendia que a ideia de absoluto, de uma grande razão que perpassa a história, torna o homem, e suas questões constitutivas, secundárias para a efetivação dessa totalidade. O homem assume o papel de mero coadjuvante em uma trama que perpassa sua existência. Assim, contra essa negação do indivíduo, e que se ergue a filosofia de Kierkegaard. Seu status como precursor do existencialismo tem, como característica basilar, o de ser aquele que *aponta* para a importância da vida, para o lugar dos sentimentos e dos acontecimentos que se desenrolam na existência singular e que compõem de forma significativa a trama da história.

Nesse sentido, o existencialismo e caracteriza como uma forma de humanismo. No humanismo existencialista, o homem vive o dilema de escolher entre aquilo que é importante para ele em sua individualidade e, ao mesmo tempo, de escolher de forma a considerar aquilo que diz respeito às consequências de suas escolhas individuais perante a sociedade.

Essa percepção dos rumos do indivíduo se cruzaram de forma mais excruciante no século passado. Segundo Wahl: “O temor ou o medo dirigem-se sempre às coisas particulares [...] Nós não estamos angustiados a respeito de qualquer coisa particular, mas a respeito do sentido em geral” (Idem, *ibid.*). Essa ideia de temor e medo fica mais acentuada após a Segunda Guerra Mundial, período no qual a sociedade foi atingida por um profundo sentimento de angústia e desespero frente às catástrofes ocorridas durante o conflito, nesse ambiente deflagrado as ideias existenciais encontram o seu auge. O sofrimento, a dúvida e a desilusão marcavam a sociedade contemporânea que se encontrava envolta em múltiplos desastres propiciados pelo uso da técnica e do ambiente político, econômico e social que caracterizou a Europa no século XX.

Desse modo, ao homem descrente de quase tudo, parecia não haver mais esperança ou qualquer perspectiva de liberdade ou de uma vida efetiva: “Onde o século XIX via clareza, simplicidade e facilidade, o século XX só vê enigma e escuridão. O mundo do século XX parece ser um mundo artificial onde tudo é absurdo” (GILLES, 1989, p. 1). É nesse panorama histórico que o pensamento existencialista se solidifica.

2 SARTRE E A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

Jean-Paul Sartre, principal representante da filosofia existencialista do século XX, foi aquele que participou e vivenciou o horror da guerra, sendo sua própria vida a expressão máxima das questões que envolvem a existência humana no contexto da contemporaneidade. O contexto que ele vive permeia suas ideias enquanto expressão do que ele experiencia em meio aos acontecimentos presentes na guerra, face ao horror e ao medo, situações para a base das preocupações do existencialismo, razão pela qual seu pensamento, via de regra se encontra, em meio a polêmicas e suas conseqüentes incompreensões.

Esse tipo de situação oportuna, principalmente, provocações como a deu lugar à conferência que Sartre proferiu com o objetivo de esclarecer suas ideias e dirimir as acusações contra o existencialismo propugnadas, especialmente, pela ação da crítica marxista. Desse modo, em *O existencialismo é um humanismo*, Sartre esclarece seus próprios conceitos sobre o que os historiadores da filosofia costumam intitular de corrente existencialista. Nesse opúsculo afirma que o existencialismo é “[...] a doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda a verdade e toda a ação implicam um meio e uma subjetividade humana [...]” (SARTRE, 1973, p. 10).

As polêmicas e as incompreensões em torno do pensamento de Sartre o colocavam diante dos dilemas próprios da existência e, ao mesmo tempo, o direcionavam para a busca de novas abordagens filosóficas. É com esse espírito que podemos considerar a importância de um dos encontros de Sartre no *Caffée Deux Magots*, em Paris, com Simone de Beauvoir e Raymond Aron tendo, este último, chegado de um período de estudos sobre a fenomenologia feitos na Alemanha junto a Husserl. Aron estava encantado com as possibilidades da nova corrente filosófica, indicando para seus companheiros de conversa acerca dessa novidade em termos de método filosófico. Assim, entre as discussões que se sucederam naquele dia ficou, segundo Sartre, a abertura da fenomenologia para uma nova compreensão das coisas, uma vez que, fora os temas e objetos clássicos da filosofia, o pensamento husserliano convidava a reinterpretar o próprio mundo, pois, conforme apontava Aron indicando o copo à sua frente na mesa do *Deux Magots*: “- Está vendo, meu amigo, [...] ‘se você é fenomenologista, pode falar deste coquetel e estará falando de filosofia’”.

Conforme a narrativa³, Sartre empalideceu de emoção, pois parecia estar diante do que buscava há alguns anos, isto é, falar das coisas não unicamente como elas são ou se apresentam, mas como as tocava. No debate, Raymond Aron convenceu Sartre de que a fenomenologia atendia exatamente às preocupações do filósofo no sentido de “[...] ultrapassar a oposição do idealismo e do realismo...”. Na concepção de Aron, a oposição era eliminada por Husserl, o qual considerava que o entendimento é ativo no conhecimento, assim sendo, ficava patente que sendo: ‘Toda consciência é consciência de alguma coisa’, havia agora a possibilidade de pensar uma outra relação entre sujeito e objeto.

Deste modo, no entendimento de Aron sobre o pensamento do filósofo alemão, ideias e coisas não podem ser separadas e constituem um único fenômeno. Esse debate fez com que Sartre partisse para a Alemanha em busca de estudar e conhecer de perto as ideias de Husserl.

Nessa perspectiva, considerando a analítica do poder que Foucault aprecia, poderíamos considerar que há, na inquietação de Sartre, a busca, a abertura e, ao mesmo tempo, o limite próprio do indivíduo – no caso Sartre – diante das oposições que a própria história da filosofia apresenta e representa através de concepções encerradas em si mesmas, como o idealismo, o realismo, etc. É assim que entendemos a atitude de Sartre e o movimento que ele faz de ir à procura de Husserl em busca de compreender a fenomenologia para melhor entender a existência humana. Tal perspectiva se caracteriza como própria aos elementos da analítica do poder de Foucault, pois na existência própria do indivíduo com seus modos de agir, na ação livre, vivendo sua história no âmbito daquilo que elaborou, está o caminho para o novo.

3 SARTRE, FOUCAULT E O SEU TEMPO

É na relação de poder que se caracteriza para Foucault a “prática de liberdade”. E, no prefácio da primeira edição brasileira da coleção *Os Pensadores* que aborda o pensamento filosófico de Sartre, mais especificamente, na parte em que Marilena Chauí, em um prefácio, trata da vida e obra do francês, encontramos alguns outros aspectos interessantes que apontam em Sartre uma inquietação para encontrar elementos novos para as suas abordagens

³ In: <http://panorama-direitoliteratura.blogspot.be/2009/07/sartre-segund-parte.html>.

existenciais que permitissem uma maior compreensão do homem na contemporaneidade. Entretanto, seria injusto não considerar o quanto o pensamento de Sartre diz sobre o seu tempo e o quanto possui de aproximações ao de que Foucault no que tange à analítica sobre o poder.

Deste modo, é interessante considerar que, se Foucault fala de atitude-limite, Sartre viveu a situação-limite⁴. A situação-limite não somente está expressa no horror e no embate do que Sartre vivenciou no campo de concentração nazista, mas também na escolha pela fuga, algo que encontra configurado em seus escritos. É assim que a personagem central de *O Muro*, Pablo Ibieta, apresenta o que Sartre descreve como “situações-limite”:

Pablo Ibieta, republicano espanhol, personagem central de *O Muro*, vive uma das “situações-limite” descrita por Sartre: momentos de intensificação entre conflitos sociais e individuais, quando o homem é obrigado a fazer uma escolha e afirmar sua liberdade radical. Pablo Ibieta preso e torturado pelos fascistas de Franco, vê postas à prova as virtudes da coragem, fidelidade e sangue-frio. O próprio Sartre viveu uma dessas “situações-limite”, quando preso num campo de concentração nazista, em 1940, do qual conseguiu fugir, fazendo sua escolha: participar da resistência ao invasor alemão (CHAUÍ, 1978, p. XII).

Da mesma forma, sobre o corpo e a consciência, é possível encontrar similitudes entre o que expõem Sartre e Foucault. Embora em Foucault o corpo seja uma realidade biopolítica, alguns elementos interessantes já são elencados por Sartre quanto este considera o corpo como aquele que “exprime a imersão no mundo”, ou o corpo como centro e, nesse sentido, é o corpo a própria condição de liberdade conforme argumenta Chauí:

[...] O corpo é um centro, em relação ao qual se ordenam as coisas do mundo e, por isso, constitui uma estrutura permanente que torna possível a consciência. Sartre vai mais longe em sua interpretação, dizendo que o corpo é a própria condição da liberdade. Não existe liberdade sem escolha e o corpo é precisamente a necessidade de que haja escolha, isto é, de que o homem não seja imediatamente a totalidade do ser. O corpo é, por conseguinte, tanto a condição da consciência como consciência do mundo, quanto fundamento da consciência enquanto liberdade (CHAUÍ, 1978, p. XII).

Ainda podemos encontrar outras questões que aproximam Sartre e Foucault, a saber, as interpretações sobre o tempo e sobre a história. Embora na concepção de Sartre o tempo

⁴ Na Segunda Guerra Mundial Sartre participou servindo como meteorologista na Lorena, 1940. Quando Hitler invadiu a França, ele foi encerrado no campo de concentração de Trier (Treves), na Alemanha Ocidental, cidade junto à fronteira com Luxemburgo, berço de Marx.

seja considerado a expressão da mistura entre o *em-si* e o *para-si*, sendo essa mistura o que constitui a existência humana, o filósofo existencialista estabelece, em relação ao tempo, a compreensão de que o passado só pode ser absorvido como leitura do mundo, razão pela qual não possui o passado existência, a menos que este esteja ligado com o presente que se vive. Assim, Sartre considera que [...] “o passado não existe, a não ser enquanto ligado ao presente; todo indivíduo pode afirmar: eu sou meu passado e no momento de minha morte não serei mais do que o meu passado que, agora, é meu presente” (CHAUÍ, 1978, p. XII). Essa abordagem se coaduna com o que Foucault propõe sobre a “ontologia do presente”.

Sobre a história Sartre, no escrito *Sursis* de 1945, esclarece que os acontecimentos políticos que se vivenciam na contemporaneidade, mostram que a liberdade só pode se estabelecer em uma situação histórica. Foucault também está de acordo com tal perspectiva, muito embora tal liberdade, para ele, não esteja presente apenas nos embates do que é vivido simplesmente e massivamente segundo uma dialética, como o defendia Sartre. Em Foucault, a tentativa é de esclarecer que na história que se vive existem relações próprias de poder que forcem o indivíduo às “práticas de liberdade”.

Contudo, não se pode negar que em Sartre já aparecia o questionamento sobre a liberdade na história:

[...] os acontecimentos políticos revelam que os projetos de vida individuais são, na verdade, determinados pelo curso da história “tornando-se ilusória a busca da liberdade num plano puramente pessoal: a liberdade é sempre vivida em situação” e realizada no engajamento de projetos voltados para interesses humanos comunitários. Apenas um compromisso com a história pode dar sentido à existência individual (CHAUÍ, 1978, p. XII).

Desse modo, quando o existencialismo é apresentado como “[...] a doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda a verdade e toda a ação implicam um meio e uma subjetividade humana [...]” (SARTRE, 1978, p. 4), poderíamos supor que nessa afirmação encontram-se elementos do humanismo sartreano que são positivamente, pois a partir da compreensão de Sartre do homem, como aquele que é o autor de sua existência, e não como um ser previamente projetado, uma criação de um Deus com uma função específica, o homem se encontra livre para se constituir em meio à sua vida, ao seu entorno, em relação à humanidade e, conseqüentemente, com a história.

4 EM SARTRE, O HOMEM LEGISLA, EM FOUCAULT, ELE SE CONSTITUI

Sartre deixa o homem diante da constituição de sua humanidade, de sua condição de ser existente, torna-o legislador de si mesmo; por outro lado, algumas interpretações ao pensamento de Sartre sugerem que o francês eleva a existência humana ao nível da consciência que retira o homem da sua história, visto que ela só lhes apresenta dor e sofrimento. Outras interpretações sobre Sartre fortalecem ainda mais as críticas, afirmando que Sartre, ao permitir autonomia ao homem, o destitui da relação com o outro na medida em que ele é seu próprio legislador:

[...] à ambição filosófica de Sartre consiste em produzir uma filosofia da consciência dissociada de toda filosofia do sujeito, no âmbito da qual todas as acusações segundo as quais Sartre se deleitaria em um subjetivismo frio são, para menos, contra-verdades, ou pior, malignidades (KAIL, 2011, p. 35)⁵.

Mesmo que a ambição filosófica de Sartre fosse a de produzir uma filosofia da consciência individual, sem qualquer relação com a filosofia do sujeito, é possível especular que, mesmo considerando no pensamento de Sartre as hipóteses dos últimos aspectos apontados em nossa pesquisa, isto é, o homem sem história e o homem sem interação com o outro, tais elementos seriam, certamente, ao olhar de Foucault, aquilo que se poderia chamar de negatividades do homem. Contudo, essa negatividade é para Foucault elemento indispensável ao movimento processual da subjetivação do indivíduo em sua história efetiva.

É importante salientar que Sartre, em sua primeira filosofia, com o existencialismo, pode não ter explorado devidamente os enlaces das relações de força e poder que estão nos sujeitos históricos, uma vez que o existencialismo sartreano se atém radicalmente aos aspectos da responsabilidade individual, das escolhas e de questões como a má-fé. Ademais, pode-se até mesmo considerar a hipótese de que Sartre, em vez de buscar nas condições adversas que a história apresenta as condições e formas de resistência, individualiza o homem, afasta-o das perspectivas históricas. Porém, é inegável que suas concepções permitem diagnosticar o

⁵ [...] l'ambition philosophique de Sartre est de produire une philosophie de la conscience détachée de toute philosophie du sujet, au regard de laquelle toutes les accusations selon lesquelles Sartre se complairait dans un subjectivisme frileux sont, au mieux, des contre-vérités, au pire, des malveillances (KAIL, 2011, p. 35).

presente e, ao mesmo tempo, apresentam circunstâncias e elementos que reforçam a ideia de que o homem, em sua história, vive uma agonística nas relações de poder.

Frédéric Gros ao indicar a situação do curso de 1982 no Collège de France, *A hermenêutica do sujeito*, observa:

Foucault não “descobre” em 1980 a liberdade nativa de um sujeito que teria até então ignorado. Não poderíamos sustentar que Foucault teria, de súbito, abandonado os processos sociais de normalização e os sistemas alienantes de identificação a fim de fazer emergir, em seu virginal esplendor um sujeito livre se auto-criando no éter-histórico de uma autoconstituição pura. O que ele censura em Sartre é justamente o fato de ter pensado esta autocriação do sujeito autêntico, sem enraizamento histórico (GROS, 2004, p. 637).

Conforme Foucault, a história analítica sem a consideração das relações de poder que se vivencia e estão presentes na cultura não é suficientemente capaz de perceber a subjetivação do indivíduo. Nesse sentido, para os sujeitos sem enraizamento histórico, isto é, a-históricos, a análise do poder é simples, pois mostra tão somente o fracasso, o buraco, o vazio, nos moldes do que aconteceu na Segunda Guerra Mundial. Todavia, se há vazio, há espaço e é nessa perspectiva que Foucault aposta e dirige a analítica do poder, mostrando, no revolver da própria história, as possibilidades de mudanças, a alternância, situações oriundas até mesmo de negatividades.

Nesse sentido, questiona-se: a historicidade humana deve ser vista como fracasso? Considerando a existência de um vazio, deve o homem nele mergulhar? É isso que enquanto sujeito histórico o homem pode fazer de si mesmo? Em entrevista à *Tribune Socialiste*, intitulada: *Michel Foucault: a segurança e o estado* (1977), que foi publicada em *Ditos e escritos VI*, Foucault, ao diagnosticar o nosso presente, afirma que é preciso confiar na consciência política das pessoas:

Quando você lhes diz: ‘você estão em um Estado fascista e não sabem’, as pessoas sabem que lhes mentimos. Quando lhes dizemos: ‘Jamais as liberdades estiveram mais limitadas e ameaçadas como agora’, as pessoas sabem que não é verdadeiro. Quando dizemos às pessoas: Os novos Hitlers estão nascendo sem que vocês o percebam... elas sabem que é falso. Em compensação, se lhes falamos de sua experiência real, - dessa relação inquieta, ansiosa que têm "os mecanismos de segurança - o que drena, por exemplo, uma sociedade inteiramente medicalizada? O que drena, como efeito de poder, mecanismos de segurança social que vão vigiá-los dia após dia? -, elas sentem muito bem, sabem que não é fascismo, mas alguma coisa nova (FOUCAULT, 2010, p. 174-175).

Nas análises do século XX, percebe-se o quanto os elementos próprios do humanismo se estendem aos nossos momentos atuais. Todavia, não se deve concluir que tudo aquilo que se reivindicou como humanismo deva ser rejeitado. Sartre é um sujeito próprio da realidade histórica que, ao vivê-la, expressa seu conteúdo, o qual permite diagnosticar o momento presente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foucault, em *As palavras e as coisas*, adverte sobre como as diferentes positivities permitem o diagnosticar do presente⁶. Assim, havendo positivities no humanismo não se deve descartar a abordagem da historicidade humana como elemento para a analítica do poder pois, em suas maleabilidades, diversidades e, até mesmo em suas inconsistências, é fato que o humanismo apresenta aspecto que demonstra a profundidade do pensamento desenvolvido por Michel Foucault no que se refere à agonística nas relações de poder.

É nesse sentido que, na entrevista intitulada *Foucault responde a Sartre*, publicada nos *Ditos e escritos VII*, o filósofo francês alerta para a necessidade de se deter no presente: "Diagnosticar o presente, dizer o que é o presente, em que nosso presente difere de modo absoluto de tudo o que não é ele, ou seja, de nosso passado. Talvez seja isso, talvez essa a tarefa atribuída nos dias de hoje ao filósofo. É a tarefa da filosofia" (FOUCAULT, 2011, p. 172).

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. Vida e obra. In: Coleção Os Pensadores, SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

⁶ A noção de positividade está em Foucault associada ao que ele denomina de dispositivos de poder. Agamben em *Qu'est-ce qu'un dispositif?* Nos diz acerca dessa temática que: "[...] No fim dos anos sessenta, um pouco após o momento em que ele escreveu *A arqueologia do saber* para definir o objeto de suas pesquisas, Foucault [...] as diferentes positivities formadas pela História e nela depositadas podem entrar em contato umas com as outras, envolverem-se à maneira de conhecimento, liberarem o conteúdo que nelas dormita; não são então os próprios limites que aparecem no seu rigor imperioso, mas totalidades parciais, totalidades que se acham limitadas de fato, totalidades cujas fronteiras se podem, até certo ponto, alterar, mas que jamais se estenderão no espaço de uma análise definitiva e também jamais se elevarão até a totalidade absoluta (FOUCAULT, 1999, p. 516)

GILLES, Thomas Ransom. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

GROS, Frédéric. Situação do curso de 1982. In: FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. Repensar a política. **Ditos e Escritos Vol VI**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta, tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. **Ditos e Escritos Vol VII**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2011. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta, tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas (1966). Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. Tradução de Virgílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

KAIL, Michel. **Jean-Paul Sartre**: Conscience et Subjectivité. Paris: SCÉREN–CNDP, 2011.

WAHL, Jean. **As Filosofias da Existência**. Tradução de I. Lobato e A. Torres. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962.